



CURSO DE PSICOLOGIA

LUZIA KAREN DA COSTA LOPES

**CONTRIBUIÇÕES DAS ABORDAGENS TERAPÊUTICAS
GRUPAIS NA PRODUÇÃO DO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL
INFANTOJUVENIL EM UM CAPSi**

FORTALEZA

2023

LUZIA KAREN DA COSTA LOPES

**CONTRIBUIÇÕES DAS ABORDAGENS TERAPÊUTICAS GRUPAIS NA
PRODUÇÃO DO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL INFANTOJUVENIL EM
UM CAPSi**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito à obtenção do título de
Bacharel em Psicologia pela Faculdade Ari de
Sá.

Orientador: Profa Me. Karine Lima Verde
Pessoa.

FORTALEZA

2023

CONTRIBUIÇÕES DAS ABORDAGENS TERAPÊUTICAS GRUPAIS NA PRODUÇÃO DO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL INFANTOJUVENIL EM UM CAPSi

Luzia Karen da Costa Lopes
Me. Karine Lima Verde Pessoa

RESUMO

O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa crítico-reflexiva e descritiva. Analisa as contribuições das abordagens terapêuticas grupais na produção do cuidado em saúde mental de crianças e adolescentes usuárias de um Capsi de Fortaleza, a partir do uso dos métodos de observação participante e grupo focal. Para isso, engloba a identificação e descrição das atividades desenvolvidas, bem como as potencialidades e limitações percebidas pelos profissionais que mediam os momentos grupais, trazendo os resultados e discussões dessa temática a partir dos métodos utilizados.

Palavras-chave: Grupos Terapêuticos. Saúde Mental. CAPS. Infância.

ABSTRACT

The present study is a critical-reflective and descriptive qualitative research. It analyzes the contributions of group therapeutic approaches in the production of mental health care for children and adolescents using a Capsi in Fortaleza, using participant observation and focus group methods. To this end, it encompasses the identification and description of the activities carried out, as well as the potentialities and limitations perceived by the professionals who mediate the group moments, bringing the results and discussions of this topic based on the methods used..

Keywords: Therapeutic Groups. Mental Health. CAPS. Infancy.

1 INTRODUÇÃO

A Reforma Psiquiátrica Brasileira se trata de um projeto político-social complexo e um conjunto de transformações de práticas e saberes culturais no que tange o cenário da saúde comunitária. Com a aprovação da lei 10.216, em 2001, que dispõe sobre a proteção dos direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e reformula o modelo de assistência em saúde mental, houve a culminância do processo da Reforma e seu início nos campos legislativos do país. Tal lei propõe a regulamentação dos direitos da pessoa com transtornos mentais e a extinção progressiva dos manicômios no país (Brasil, 2005).

Como uma forma de consolidar o progresso da regulamentação dessa política e trabalhar com os transtornos mentais graves a partir da Reforma Psiquiátrica, foram criados

os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), enquanto equipamentos constituintes de uma rede de cuidados à saúde mental e dispositivo antimanicomial. Possuindo, em suas primeiras formulações, funções substitutivas às dos hospitais psiquiátricos, torna-se função destes equipamentos promover a inserção social das pessoas com transtornos mentais através de ações intersetoriais, “bem como regular a porta de entrada da rede de assistência em saúde mental na sua área de atuação e dar suporte à atenção à saúde mental na rede básica” (Brasil, 2005, p. 27).

Os CAPS se diferenciam, em suma, de acordo com seu porte e perfil populacional dos municípios. O Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi), enquanto uma das subdivisões existentes desse serviço, realizam atendimento com crianças e adolescentes para transtornos mentais graves e persistentes, inclusive pelo uso de substâncias psicoativas, abrangendo regiões com pelo menos 70 mil habitantes (Brasil/MS, 2023). Destaca-se que os CAPSi deveriam receber mais incentivos econômicos e uma maior atenção governamental, uma vez que, de acordo com dados extraídos pelo Ministério da Saúde (2022), de 2017 a 2022, dentre os equipamentos de Atenção Psicossocial, os Infantojuvenis foram os que menos se expandiram e receberam fomento com verbas no Brasil.

Adentrando nos serviços oferecidos pelos CAPSi, infere-se que abrangem desde intervenções individuais à cuidados voltados aos familiares, como atendimentos grupais e oficinas terapêuticas; sendo estas atividades que coincidem com as desenvolvidas por outras unidades de atenção psicossocial, mas, em virtude do recorte de público, essas formas de cuidado não devem ser utilizadas de forma inconsequente ou sem contextualização.

Os grupos configuram-se como uma das ferramentas de cuidado utilizadas nesses serviços, consistindo no atendimento conjunto de usuários e pautado em um processo terapêutico baseado na troca de experiências. Para além de potencializar as trocas dialógicas, o compartilhamento de experiências e a melhoria na adaptação ao modo de vida individual e coletivo (Benevides, 2010 *apud* Silva *et al.*, 2021).

Outrossim, Menezes *et al.* (2020), em uma pesquisa realizada com um grupo terapêutico para adolescentes em um CAPSi, concluem que a facilitação e estimulação do processo de aprendizagem nos grupos faz com que os usuários pensem de forma conjunta em um processo de construção e aprendam uns com os outros, “ampliando sua leitura de mundo estimulando sua autonomia e protagonismo para que possam conhecer seus desafios e buscar as mudanças necessárias para suas vidas e, assim, assumir uma adaptação ativa da realidade” (Menezes *et al.*, 2020, p.124). Portanto, pode-se afirmar que os grupos terapêuticos, enquanto espaços de interações, propiciam o aprendizado de habilidades, como as socioemocionais, a

partir do compartilhamento de experiências e estabelecimento de vínculos entre os participantes, sendo este um processo otimista que ocorre nos grupos infantojuvenis.

No mais, ao realizar um recorte demográfico para a região de Fortaleza, percebe-se, considerando as análises realizadas pelo CEDECA (2022), que o serviço de Atenção Psicossocial destinado ao público infantil encontra-se em uma situação de precariedade, no qual há poucos equipamentos de saúde mental em relação à demanda por habitantes, o que afeta os serviços oferecidos à comunidade. Diante disso, reflete-se como as abordagens grupais se configuram como um instrumento terapêutico potencializador de perspectivas positivas em âmbitos como a melhora e cuidado em saúde dentro dos serviços, no qual poderiam ser melhor abordadas e investidas mediante suas contribuições.

Assim, como forma de fomentar os estudos na área e trazer visibilidade ao aporte desses serviços à comunidade, faz-se pertinente explorar e analisar, com apoio teórico e técnico, as contribuições das abordagens terapêuticas grupais na produção do cuidado em saúde mental infantojuvenil em um CAPSi de Fortaleza, uma vez que estas se constituem como um importante instrumento de cuidado comunitário em um contexto no qual o desmonte da política nacional de saúde mental afeta substancialmente as práticas desenvolvidas nesses ambientes.

Salienta-se que, o interesse pelo tema e campo advém da evidente necessidade de trazer visibilidade às contribuições dos serviços de saúde psicossocial e do desejo de fomentar os estudos na área; bem como pela experiência prática da autora no contexto do estágio supervisionado profissionalizante em Psicologia, o qual tem sido desenvolvido em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil, em Fortaleza, capital do estado do Ceará. No cotidiano do serviço, observa-se que as práticas terapêuticas grupais se destacam, o que despertou o olhar e o interesse da pesquisadora.

Ademais, os grupos terapêuticos constituem-se como um dos recursos mais utilizados e estimulados dentro da atenção psicossocial, possibilitando aos usuários o encontro de referências para lidar com questões individuais a partir do suporte psíquico coletivo (Silva; Hubert; Drugg, 2015). Benevides *et al.* (2010) inferem que os grupos potencializam as trocas dialógicas, o compartilhamento de experiências e a melhoria na adaptação ao modo de vida; dessa forma, os participantes relatam: melhora nas relações sociais, nos níveis de conhecimento sobre questões discutidas no grupo, na capacidade para lidar com situações inerentes ao transtorno sofrido, na confiança, além de alívio emocional (Guanaes, Japur, 2001; Contel, Villas-Boas, 1999 *apud* Benevides *et al.*, 2010).

Em consonância, Brunozi *et al.* (2019) nos mostram que a convivência em grupo

é importante para o equilíbrio biopsicossocial, redução de conflitos pessoais e facilitação da socialização, além de permitir o compartilhamento de histórias de vida, de sofrimento e de superação, promovendo a aceitação do diferente (Brunozi *et al.*, 2019). Logo, considerando os aspectos expostos até aqui, vemos que por se tratar de um campo de possibilidades para reinserção no ambiente comunitário e ser potencializador de um maior controle dos usuários sobre suas próprias vidas, as práticas grupais tornam-se um relevante espaço de investigação na saúde mental coletiva.

O estudo analisa as contribuições grupais na produção do cuidado em saúde mental de crianças e adolescentes. Para isso, enquanto objetivos, foram identificados as intervenções utilizadas, bem como descreveu-se como são planejadas e desenvolvidas as abordagens terapêuticas grupais no Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil, assim como discutiu-se os desafios e as potencialidades das abordagens grupais de cuidado em saúde mental de crianças e adolescentes na perspectiva dos profissionais. O cenário do estudo é um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil de Fortaleza, um importante instrumento de cuidado comunitário.

2 METODOLOGIA

2.1 Tipo de pesquisa

Trata-se de um estudo com natureza qualitativa, partindo de uma perspectiva crítico-reflexiva e descritiva, enfatizando a compreensão do fenômeno de forma holística. Para analisar a potencialidade de abordagens terapêuticas grupais na produção do cuidado em saúde mental de crianças e adolescentes no Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil em questão, é preciso, assim como explicitou Sousa (2008), acompanhar de perto as práticas realizadas cotidianamente nesse espaço e o desenvolvimento desses processos.

2.2 Cenário da pesquisa

De acordo com a Prefeitura de Fortaleza (2023), a Rede de Atenção Psicossocial do Município dispõe de 15 Centros, sendo seis CAPS GERAL, sete CAPS AD – Álcool e Drogas e dois CAPS Infantis. O campo de pesquisa deste estudo delimita-se ao Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil da Regional III de Fortaleza-CE.

O CAPS em questão foi criado em 2007 e possui uma nova sede, situada no bairro Rodolfo Teófilo, inaugurada em 2022, que recebeu um projeto de requalificação,

possuindo agora um espaço de 470 metros quadrados, sendo quase o dobro do antigo. A unidade de saúde também foi ampliada em relação ao número de salas para atendimentos e atividades, passando de 8 para 12, bem como ganhou um espaço de convivência, farmácia, Núcleo de Atendimento ao Cliente (NAC) e refeitório. Ademais, possui um serviço de recepção e espera por atendimento, sala de profissionais, enfermaria, banheiros para usuários e um para funcionários e coordenação.

O serviço integra a rede do Sistema Único de Saúde (SUS) e a de Atenção Psicossocial cearense, sendo financiado pela prefeitura de Fortaleza. De acordo com o monitoramento realizado pelo CEDECA (2022), o CAPSi Estudante Nogueira Jucá tem aproximadamente 5.287 atendimentos vinculados a uma equipe constituída por 20 profissionais, atendendo um público com faixa etária de 4 anos a 17 anos, e o tempo médio de espera por atendimento médico varia de 60 a 90 dias para casos não agudos.

2.3 Participantes

Foram escolhidos para compor o grupo focal três profissionais de nível superior que trabalham no CAPSi e desenvolvem práticas terapêuticas grupais com o público infantojuvenil. Os grupos terapêuticos que foram palco para a observação participante são compostos por crianças, pré-adolescentes e adolescentes, sendo definidos de acordo com as demandas dos usuários. Destaca-se que os grupos foram denominados com pseudônimos que remetem às músicas da cultura popular brasileira: Velha Roupas Coloridas, Sujeito de Sorte, Paralelas e Coração Selvagem.

O grupo Velha Roupas Coloridas funciona com no máximo 5 participantes, de 10 à 12 anos, possuindo demandas voltadas à alucinações visuais e auditivas, com participantes que possuem um perfil propício à interação com os pares. O grupo Sujeito de Sorte, por sua vez, funciona com no máximo 8 participantes, de 06 à 09 anos, possuindo demandas voltadas à particularidades do Transtorno do Espectro Autista, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, bem como sintomas de Ansiedade, com participantes que possuem perfil voltado a uma boa interação grupal. Nascimento, Bitencourt e Fleig (2021) nos mostram que melhorar as dificuldades de interação social do paciente com TEA é um dos obstáculos a serem conquistados no processo terapêutico, sendo necessário um maior envolvimento e atenção nesse âmbito. Em relação ao TDAH, Bellé e Caminha (2005) nos informam que se trata de um transtorno do neurodesenvolvimento relacionado ao autocontrole, que consiste em problemas com níveis de atenção e controle de impulsos, demonstrando a necessidade de trabalhos que considerem tais aspectos.

No que tange o grupo Paralelas, este funciona com no máximo 4 participantes, de 15 à 17 anos, possuindo demandas voltadas ao diagnóstico de Esquizofrenia, com participantes que possuem um perfil voltado a interação somente com os mediadores, sem entrosamento com os outros participantes, apenas dividindo a mesma ambientação e proposta de atuação. Já em relação ao grupo Coração Selvagem, possui funcionamento com no máximo 8 participantes, de 13 à 17 anos, com demandas voltadas à ansiedade, isolamento social, alucinações visuais e/ou auditivas, bem como particularidades ligadas à Transtornos de Conduta ou do Neurodesenvolvimento.

Já os profissionais entrevistados no grupo focal, sendo dois psicólogos e uma assistente social com pelo menos 01 ano de experiência com grupos, podem ser identificados com nomes de personagens da literatura brasileira: Romão, Capitu e Emília. Nenhum pseudônimo utilizado remete às características pessoais ou físicas das pessoas e grupos que compõem essa pesquisa. Cabe salientar que a pesquisadora já se encontrava inserida na realidade dos grupos, mediante a prática de estágio supervisionado profissionalizante.

2.4 Coleta, análise e discussão de dados

Tratando-se de um estudo de caráter qualitativo, a observação participante, enquanto um instrumento de coleta de dados em que a pesquisadora participa das atividades diárias de um grupo, foi introduzida para a coleta de informações durante a realização dos grupos terapêuticos, que ocorrem com crianças e adolescentes, respectivamente, em grupos distintos, intercalando-se quinzenalmente. O período de duração e realização da pesquisa se deu em Agosto de 2023 à Novembro de 2023. O registro das observações, por sua vez, foi através do uso de um diário de campo para uma melhor coleta dos dados a serem suscetíveis a interpretações.

Por sua vez, o grupo focal, enquanto uma técnica derivada das entrevistas grupais que coleta informações por meio das interações dos participantes, foi adotado para a compreensão da perspectiva dos técnicos que conduzem esses momentos grupais com os usuários, sendo profissionais da Psicologia e do Serviço Social. Para o grupo focal, por sua vez, foi utilizado tanto o caderno de campo como um gravador de voz para o registro e guarda das informações adquiridas.

A coleta do material produzido pelo grupo focal foi realizada por meio de um roteiro semiestruturado e com o auxílio de um gravador de voz, para a gravação da interação entre os profissionais. Além disso, tanto as observações participantes quanto o grupo focal foram realizados na própria unidade do CAPSi, em horários previamente acordados entre as

partes, durante os meses de agosto à novembro de 2023, assim como estabelecido pelo termo de anuência concedido pela Prefeitura de Fortaleza. Foi solicitada a assinatura de Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e Termos de Assentimento Livre e Esclarecido de forma prévia para a realização da pesquisa, garantindo o anonimato dos voluntários por meio da utilização de pseudônimos. Logo, a partir desta metodologia, pretendeu-se alcançar os objetivos enunciados, respeitando e aplicando todos os preceitos éticos cabíveis para a pesquisa.

Visando a análise dos dados e interpretação dos resultados que foram obtidos por meio dos instrumentos expostos, fez-se pertinente utilizar a análise de conteúdo defendida por Laurence Bardin (1977), que como toda técnica, requer rigorosidade e sistemática de regras que precisa ser aprendida e exercitada para assim, ser possível tirar o máximo de abstrações possíveis de um fato, fenômeno ou de uma resposta dada por um sujeito de pesquisa (Sousa; Santos, 2020).

2.5 Considerações éticas

Primeiramente, deve-se salientar que, as pesquisas envolvendo seres humanos devem atender às exigências éticas e científicas fundamentais elencadas pela Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Dessa forma, o projeto foi enviado ao Comitê de Ética em pesquisa, obtendo parecer aprovado, sob o número 6.423.953.

Em cumprimento aos requisitos éticos, foi solicitado aos participantes da pesquisa, especificamente os entrevistados do grupo focal, a assinatura de Termos de Consentimento Livre e Esclarecido. Ademais, às crianças e adolescentes participantes dos grupos em que ocorreram as observações participantes, foi solicitada a assinatura de Termos de Assentimento Livre e Esclarecido; bem como aos seus responsáveis foi solicitada a assinatura de Termos de Consentimento Livre e Esclarecido permitindo a participação deles. Dessa forma, eles tiveram suas participações voluntárias preservadas, com liberdade para se retirar do estudo mediante vontade própria, sem nenhuma penalização. Além disso, houve a aprovação do Termo de Anuência Institucional pela Prefeitura de Fortaleza, permitindo a realização da pesquisa no equipamento de saúde em questão, no qual foi apresentado ao gestor do CAPSi para as devidas formalizações.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Abordagens Terapêuticas Grupais no Cuidado em Saúde Mental Infantojuvenil

Os grupos terapêuticos no Centro de Atenção Psicossocial palco da pesquisa são divididos de acordo com os perfis dos usuários, horários mais compatíveis e idade dos participantes, de forma que não haja uma discrepância de perfis ou do conteúdo dos discursos. Dessa forma, apresenta-se abaixo os dados adquiridos na pesquisa com os métodos expostos, bem como suas análises e discussões.

3.1.1 Velha Roupa Colorida e Sujeito de Sorte

Durante o período de acompanhamento do grupo Velha Roupa Colorida, fez-se perceptível a forma como os participantes utilizam recursos externos, como animes e jogos, enquanto uma extensão das atividades propostas dentro do grupo e como um ponto de apoio nas suas semelhanças. Dessa forma, a identificação com os pares não acontecia tão somente pela demanda que os levaram ao CAPSi, mas também pelas suas preferências e gostos pessoais.

Coincidindo com o exposto, Sousa *et al.* (2020) nos mostra como “as atividades grupais possibilitam a criação de um meio para acolhimento, permitindo o compartilhamento de experiências, funcionando como potencial importante de construção de sentidos frente ao vazio e empobrecimento ocasionados pela exclusão e assujeitamento” (Sousa *et al.*, 2020, p. 02). Percebe-se, assim, que as interações e vivências concebidas pelo indivíduo a partir da experiência em terapia de âmbito grupal, possui um grande potencial positivo no tratamento, uma vez que, com o momento de interação grupal, os participantes podem estabelecer vínculos que não se prendem às “paredes do CAPS”.

Quanto às percepções da dinâmica durante o grupo, fez-se perceptível que eles utilizam de sátiras uns com os outros para tratar dos assuntos que os incomodam no dia-a-dia, mas não há um aprofundamento dessas questões, uma vez que utilizam da maior parte do tempo programado para realizar atividades que os distraiam dos assuntos cotidianos. Tal característica, pode denotar que eles não se sentem confortáveis em tratar de assuntos íntimos junto ao grupo, demonstrando que devem ser pensadas outras abordagens para verificar a receptividade dos participantes com investidas que adentrem em discussões de assuntos mais preservados.

Farah (2009) nos mostra como a interação presente nos grupos os tornam um local sagrado, no qual encontram apoio e suporte para trabalhar situações e vivências desagradáveis. Dessa forma, fez-se evidente que os participantes desse grupo, apesar de conseguirem expressar suas demandas de forma melhor em atendimentos individuais, são encaminhados ao grupo, de forma paralela, para desenvolverem habilidades que perpassam o coletivo e propiciam o fortalecimento de redes de apoio entre si.

Durante o período de acompanhamento do grupo Sujeito de Sorte, fez-se perceptível,

tanto pela idade como pelo perfil das demandas dos participantes, que eles não conseguem se prender ou se voltar a atividades que demandem um maior nível de concentração por um grande período, mesmo que haja algumas alterações nas regras ou adequações ao funcionamento deles, uma vez que se dispersavam e, por vezes, apresentavam resistências em continuar. Dessa forma, o período de atendimento grupal, após alterações na metodologia de aplicação dos recursos, foi dividido em um momento inicial de maior foco em atividades que estimulam coesão e trabalho em conjunto, bem como habilidades socioemocionais voltadas ao controle de impulsos e tolerância às frustrações; e posteriormente ocorrem momentos em que se utilizam da psicomotricidade como um recurso para explorar as possibilidades de exploração do corpo e ludicidade na canalização de sentimentos nesses movimentos.

Após isso, são aplicados recursos de relaxamento com uso de músicas calmas e aprendizagem da respiração diafragmática para uma maior presentificação no momento ou o uso de mecanismos artísticos que apresentam boa receptividade no grupo, como desenhos e pinturas. O uso dessa metodologia trouxe resultados positivos quando utilizados e são colocados em prática quando o número de participantes no encontro é mais expressivo.

Ademais, Sousa *et al.* (2020) discute a presença de FT (Fatores Terapêuticos) que, enquanto fatores manifestos nos grupos, proporcionam benefícios semelhantes à psicoterapia individual e contribuem para mudanças atitudinais provenientes da articulação da atuação do facilitador, das ações dos membros do grupo e dos próprios sujeitos (Sousa *et al.*, 2020). Ao aprofundar os FT discutidos no estudo desses autores, sabe-se que, a partir da premissa de Irving D. Yalom, existem 11 FT fundamentais para a compreensão do processo de mudança que ocorre em função da interação humana no grupo, e que são fundamentais para os mediadores selecionarem as melhores estratégias para maximizar as potências do grupo. A saber,

os FT que constituem a base de uma abordagem efetiva da prática com grupos são instilação de esperança, universalidade, compartilhamento de informações, altruísmo, recapitulação corretiva do grupo familiar primário, desenvolvimento de técnicas de socialização, comportamento imitativo, aprendizagem interpessoal, coesão grupal, catarse e fatores existenciais (Sousa *et al.*, 2020, p. 02).

Nos achados obtidos por Sousa *et al.* (2020), foram encontrados vários FT nos grupos de todos os CAPS alvos da pesquisa, e, a partir de achados da literatura que confirmam a presença desses fatores também em grupos infantis, os autores afirmam que “tais resultados evidenciam a presença de FT em diferentes grupos e em diferentes campos da saúde, ainda que, muitas vezes, os próprios coordenadores de grupo não tenham clareza da potencialidade das intervenções grupais que conduzem” (Sousa *et al.*, 2020, p. 06). Em vista disso,

percebe-se como os fatores terapêuticos presentes nos grupos proporcionam aos mediadores uma melhor adequação dos recursos às demandas dos usuários, de forma estratégica, que conduzam a melhores resultados e acolhimento por parte dos usuários, como o ocorrido com o grupo Sujeito de Sorte por meio de intervenções mais trabalhadas que possibilitasse um melhor envolvimento dos participantes nas atividades de acordo com suas características e limitações.

Com as práticas exercidas nesse grupo em questão, pôde-se compreender aspectos nos participantes que muitas vezes não podem ser percebidos individualmente, mas se expressam no contato com os pares, como a gestão de conflitos e interesses ao querer um objeto ou lugar de fala do outro, bem como comportamentos e sentimentos de ordem social na condução de problemáticas voltadas à tolerância às frustrações, por exemplo. Dessa forma, consegue-se trabalhar parâmetros que envolvem as habilidades socioemocionais que perpassam as relações interpessoais, além do que, durante o atendimento grupal, os próprios participantes realizam intervenções entre si, colaborando com os mediadores, e são conscientes dos processos de desenvolvimento que ocorrem consigo e com os demais.

3.1.2 Paralelas e Coração Selvagem

Durante o período de acompanhamento do grupo Paralelas, fez-se perceptível que os recursos utilizados com eles têm de ser comumente adaptados às necessidades e limitações cognitivas dos mesmos, uma vez que costumam apresentar dificuldades com atividades que demandem maior cognição durante a realização. É notável como a adaptação dos recursos se faz essencial para esse perfil de usuário, uma vez que o êxito na execução dessas atividades podem proporcionar uma melhor percepção de si e melhora na autoestima.

Em certos encontros, alguns participantes demonstraram resistência na realização das atividades por não se sentirem confortáveis com os recursos, quer seja pela complexidade na sua utilização ou pelo fato de eles evocam, de alguma forma, conteúdos e sentimentos que os desestabilizam, como no uso de jogos que possuem certos tipos de sequências lógicas no manejo. Com o término desses momentos, era verificado com os responsáveis possíveis crises que aquele participante poderia estar vivenciando, o que evidencia ainda mais a importância da averiguação da situação dos participantes e remanejamento dos recursos, caso seja necessário.

Nos CAPSi as atividades grupais também são utilizadas, porém com enfoque e contextualizadas para seu público específico. Silva, Hubert e Drugg (2015), em um trabalho sobre as dimensões terapêuticas do brincar, nos mostram como os grupos terapêuticos neste

enfoque possibilitam às crianças encontrarem referências para lidar com suas questões individuais a partir do suporte psíquico disponibilizado nesses momentos. Logo, observa-se o efeito positivo que abordagens grupais contextualizadas inferem aos usuários do serviço, como as utilizadas no grupo Paralelas mediante suas necessidades específicas.

Os participantes desse grupo, por não possuírem interação com pares em outros ambientes e terem um perfil mais recluso, tem a inclusão e participação no grupo como um grande potencial de desenvolvimento, uma vez que, apesar de não interagirem uns com os outros de forma significativa, realizam as atividades de forma conjunta e no mesmo ambiente, o que pode estimular um maior senso de coletividade e identificação com os pares.

Outrossim, Menezes *et al.* (2020), em uma pesquisa realizada com um grupo terapêutico para adolescentes em um CAPSi, concluem que a facilitação e estimulação do processo de aprendizagem nos grupos faz com que os usuários pensem de forma conjunta em um processo de construção e aprendam uns com os outros, “ampliando sua leitura de mundo estimulando sua autonomia e protagonismo para que possam conhecer seus desafios e buscar as mudanças necessárias para suas vidas e, assim, assumir uma adaptação ativa da realidade” (Menezes *et al.*, 2020, p.124). Tal aprendizado e estimulação de habilidades foram percebidas no grupo Paralelas, no qual os participantes, muitas vezes, buscavam referencial para a realização das atividades no desenvolvimento dos outros, mesmo com a interação reduzida, como quando há uso de jogos que se utilizam de motricidade ou sequências lógicas, em que os usuários costumam observar os movimentos dos pares e se espelham em suas ações. Portanto, pode-se afirmar que os grupos terapêuticos, enquanto espaços de interações, propiciam o aprendizado de habilidades, como as socioemocionais, a partir do compartilhamento de experiências e espaços conjuntos.

Durante o período de acompanhamento do grupo Coração Selvagem, notou-se que os participantes não possuem muita interação com os mediadores, apenas quando são estimulados para tal durante as atividades, e caso se interessem pelo assunto abordado. Além disso, quanto à interação com os pares, percebe-se que a comunicação funciona de forma mais intensa por duplas, nas quais se identificam por aspectos individuais e cada um direciona a maior parte de sua atenção para uma única pessoa.

O perfil dos usuários do Coração Selvagem é mais introspectivo e, na grande maioria das vezes, traziam vários assuntos dispersos para as reuniões que perpassam questões do próprio desenvolvimento na adolescência como demandas individuais que geram identificação com os outros participantes. Para uma melhor organização desses discursos, os mediadores propõem que os participantes escolham um dos temas trazidos para se

debruçarem durante o encontro, no qual todos são instigados a, de alguma forma, realizarem contribuições referentes à temática.

Os participantes desse grupo costumam apresentar uma maior resistência ao que os mediadores propõem, demorando um certo tempo para que se sintam confortáveis nas discussões. No entanto, durante a participação ativa nas discussões, trazem contribuições significativas no que tange recursos de enfrentamento, bem como modos de identificação e apoio aos outros membros.

No estudo realizado por Cardoso e Seminotti (2005), percebe-se que os usuários do serviço entendiam o grupo como um local de ajuda, onde podiam debater necessidades e pedir auxílio quando precisavam, considerando o grupo como um tipo de família. Algumas falas trazidas no Coração Selvagem, bem como sua forma de organização, demonstram como a identificação com os outros participantes fazem com que se sintam confortáveis em compartilhar conteúdos mais íntimos e diminuir as resistências nas relações interpessoais. Dessa forma, vemos como esse recurso apresenta-se como uma potente ferramenta terapêutica, uma vez que amplia o olhar do usuário para outras vivências, compartilhando experiências de vida singulares com o suporte dos pares.

3.2 Desafios e potencialidades das abordagens terapêuticas grupais na produção do cuidado em saúde mental de crianças e adolescentes na perspectiva dos profissionais

A realização do grupo focal se deu com 3 profissionais do serviço, sendo eles dois psicólogos e uma assistente social que atuam em práticas grupais com crianças e adolescentes há pelo menos um ano no CAPSi em questão. De acordo com o roteiro proposto para o momento, inicialmente houve as apresentações dos presentes e exposição da proposta do grupo focal, enfatizando os objetivos do momento bem como as disposições éticas. Quanto aos tipos de abordagens que normalmente utilizam, foram levantadas pautas da Terapia Cognitiva Comportamental, como também teorias de grupo como a Terapia Comunitária Integrativa de Adalberto Barreto para montar os grupos de adolescentes, e também fazem uso da Arteterapia, sendo utilizados diversos recursos.

A Terapia Cognitiva Comportamental, de acordo com Almeida, Martins e Alarcon (2015), foi desenvolvida por Aaron T. Beck com o intuito de ser uma psicoterapia breve e estruturada orientada ao presente, sendo também utilizada em tratamentos com ênfase na dinâmica grupal. A Terapia Comunitária Integrativa, por sua vez, “constitui um espaço de escuta, reflexão e troca de experiências, criando uma teia de relação social entre os participantes, na busca de soluções para os conflitos pessoais e familiares apresentados no

encontro” (Rocha *et al.*, 2013). Já a Arteterapia, se trata de um dispositivo terapêutico que se utiliza de diversas áreas de conhecimento, “visando a resgatar o homem em sua integralidade através de processos de autoconhecimento e transformação” (Coqueiro; Vieira; Freitas, p. 860, 2010).

Em relação às características dos grupos e como eles são, Romão informou que possuem vários grupos com participantes que possuem idades e características específicas, como também patologias ou formas de desenvolvimento cognitivo mais singulares. No que tange o processo de interação dos participantes, tanto entre os pares como com os moderadores, Emília informou que se trata de uma interação satisfatória, principalmente quando se trata do grupo Velha Roupa Colorida, no qual eles interagem muito bem e parece que foram escolhidos para estarem ali, tendo características muito parecidas e com uma boa vinculação entre eles. Já em relação ao grupo Paralelas, a interação se dá somente com os mediadores e dificilmente com os colegas que partilham o grupo, podendo ser uma característica atribuída aos grupos com usuários que possuem dificuldades intelectuais o fato de possuírem, também, dificuldade de interação social. Tais constatações nos mostram que cada grupo possui suas características singulares e aspectos envolvendo o empenho nas atividades, interações sociais e o próprio processo de evolução dos usuários que ocorrem de acordo com as especificidades do grupo.

Capitu também falou sobre o fato de planejarem algo, mas no momento não acontecer daquela maneira, havendo a necessidade dos mediadores possuírem uma flexibilidade para alternarem e modificarem a situação quando ela sai do controle. Tal fator se trata de uma competência necessárias aos mediadores, uma vez que, de acordo com Bechelli e Santos (2005), o terapeuta grupal deve ajustar as intervenções de acordo com a maturidade e as respostas que surgirem no decorrer do processo.

Quanto à receptividade dos participantes aos recursos que são levados, Capitu informou que se utilizam muito da Arteterapia por ser um recurso que desperta um maior interesse e que quebra mais as resistências, mas dependendo da configuração do grupo e dos participantes que estão presentes no momento, o grupo pode fluir melhor ou não. Segundo Reis (2014), a arteterapia é uma ferramenta que amplia as possibilidades de expressão, podendo fazer uso da linguagem verbal, musical, plástica, dramática, entre outras formas, sendo um rico aparato para contextos grupais.

Emília menciona que a receptividade é satisfatória, mas que se tivessem mais recursos seria melhor, pois muitas vezes ocorre falta de materiais para desenvolverem algumas atividades, tendo eles que repensar algumas coisas. Capitu complementou que demanda muito

da criatividade do profissional, já que trabalhar com as demandas trazidas é ter que lidar com o inusitado. Além disso, uma das formas de se estimular a criatividade é dispondo materiais para isso, sendo realmente difícil trabalhar com poucos recursos ou, por vezes, com um espaço inapropriado. Emília complementa que, com isso, muitas vezes as abordagens e recursos propostos se esgotam mediante os materiais que possuem, tendo eles que inventar outras coisas daquilo que já existe.

Quanto aos objetivos, em termos da produção de cuidado, os grupos que eles acompanham possuem, Emília fala que um dos aspectos mais importantes é trabalhar a autonomia nas crianças e adolescentes, bem como propor acesso aos direitos, à saúde e à saúde mental, fazendo um link com as demais políticas públicas para complementar o tratamento. Capitu explicou sobre possibilitar uma interação social, contatos interpessoais, visando realmente uma maior consciência de si e do outro, tendo uma melhor noção de que ele é um sujeito de direitos e de que está para além da problemática e condição que apresenta. Romão complementa sobre trabalhar habilidades sociais, assertividade, sendo algumas vezes no grupo o local em que eles têm acesso à essa interação com os pares.

Quanto à mudança na evolução dos pacientes que acompanham em grupos, Emília falou sobre casos no grupo Velha roupa colorida em que os pacientes chegaram no Capsi bastante retraídos e com muitas demandas, mas com o tempo as queixas apresentadas diminuíram e eles interagem de forma significativa. Capitu mencionou sobre como as mudanças e evoluções são gradativas e processuais, uma vez que processos que não nos parecem ter avanço, podem se tornar um caminho para usuários que não interagem muito e atualmente conseguem participar, mesmo que com poucas falas, ou até mesmo aceitar com menos resistência as atividades propostas.

Ademais, outro exemplo mencionado dessas evoluções é o fato de aprenderem a lidar melhor com a ansiedade para o início do grupo, no qual aos poucos eles internalizam as regras e os modos de funcionamento, tornando o espaço e momento fora do grupo também terapêutico. Em consonância, infere-se que “o potencial dos grupos está em promover discursividade, diálogo, (re) construção de si, das identidades, das interações sociais e da realidade vivenciada” (Bellenzani; Coutinho; Chaveiro, 2009, p. 09), sendo aspectos que se desenvolvem de forma gradativa e fazem parte das constantes evoluções presentes no cotidiano dos grupos.

Quanto a percepção deles sobre a influência das interações na evolução dos pacientes, os profissionais Romão e Emília falaram sobre a importância desse aspecto, tanto em grupos com muita interação interpessoal, como o Velha roupa colorida, como também em grupos

com um entrosamento reduzido, tal qual o Paralelas. Capitu complementou com o fato dos tipos de interações nos grupos serem muito diversos, com diálogos entre pares ou mais voltados aos mediadores, mas cada um possui sua devida importância na conjuntura do tratamento daquele sujeito. Além disso, também falou sobre a forma como a vivência e mediação em grupo proporciona um outro olhar do terapeuta para aquele paciente, para que os mediadores possam perceber quais as estratégias que melhor se adequam para ele naquele momento e como pode contribuir no grupo como um todo.

Já em relação às contribuições das abordagens terapêuticas utilizadas, percebe-se que “favorecem o trabalho com psicoeducação em casos de transtornos psiquiátricos ou psicológicos facilitando a intimidade entre seus membros e oferecendo apoio ao semelhante” (Bechelli; Santos, 2004 *apud* Silva *et al.*, 2021). Nesse sentido, Romão falou sobre a colaboração dos processos grupais no quesito de uma melhor organização dos pensamentos, tanto do terapeuta como também dos terapeutas, trazendo uma ordem nos assuntos, nos turnos de fala e no aprendizado em relação às habilidades socioemocionais de escutar e respeitar a contribuição de outra pessoa no grupo, também colaborando com os processos psicoeducativos presentes nos grupos.

A análise feita por Sousa (2008) nos mostra que os trabalhadores do CAPS em Fortaleza alvo da pesquisa possuem uma percepção dos grupos terapêuticos como um campo de possibilidades para o usuário se reinserir no ambiente comunitário.

A dinâmica do grupo modifica os lugares (papéis) usualmente reservados para usuários e trabalhadores, mobilizando em cada um, diferentes reações. Os usuários, acostumados a acatar as decisões dos “doutores”, vistos como os detentores do conhecimento sobre a vida, a morte e a doença, se encontram diante do exercício de pensarem sobre que tipo de grupo, de atendimento e de saúde desejam para si (Sousa, 2008, p. 103).

Nesse sentido, os grupos terapêuticos demonstram-se como instrumentos potencializadores de um maior protagonismo dos usuários sobre suas próprias vidas, bem como facilitam a produção do ato de cuidar tornando-os como referência para os pares e reinserindo-os em um contexto social no qual enxergam validade. Tal ponto foi mencionado pelos profissionais ao mencionarem os objetivos dos grupos que mediam, sendo de forma predominante o desenvolvimento de uma maior autonomia e autoconhecimento por parte dos usuários.

A partir das contribuições citadas mediante a perspectiva dos profissionais, pode-se perceber diversos aspectos já mencionados e notados no comportamento dos grupos, tais como a importância da interação social entre eles e a precisão de adaptação dos recursos às necessidades dos pacientes. Diante disso, percebe-se como as abordagens grupais se

configuram como um instrumento terapêutico potencializador de perspectivas e contribuições positivas em âmbitos como a melhora e cuidado em saúde dentro do serviço. Ademais, pôde-se notar desafios enfrentados no âmbito da condução dos momentos que mostram a necessidade de um constante aprimoramento profissional, no qual os mediadores informaram que muitas vezes imaginam que o empecilho para o grupo não fluir seria o próprio moderador, trazendo um sentimento de frustração a eles que deve ser trabalhado em outras instâncias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito do desenvolvimento das abordagens terapêuticas grupais no Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil, percebe-se que ocorrem mediante o perfil dos participantes de cada grupo, se adaptando às necessidades e demandas de cada um. Dessa forma, em grupos que permitem uma maior interação e contato com os pares, são utilizados recursos que se utilizam dessa aproximação para trabalhar outros aspectos, como habilidades socioemocionais. No entanto, no que tange grupos com uma maior limitação na interação interpessoal, são utilizados recursos que trabalhem a cooperação e desenvolvimento de atividades em conjunto sem deixá-los desconfortáveis.

Em relação à descrição dessas abordagens, encontra-se o uso da Arteterapia enquanto um recurso que desperta maior interesse pelos usuários e quebra mais resistências na participação e integração destes nos momentos propostos. Para além disso, encontra-se o uso de aspectos da Terapia Cognitiva Comportamental no treino de habilidades socioemocionais e o uso da Terapia Comunitária Integrativa para uma melhor organização e interpretação dos discursos apresentados, possibilitando, também, uma distribuição do tempo de fala e respeito pela vez do outro. Porém, a contextualização e flexibilidade no uso desses recursos, possibilitando a adaptação deles às necessidades e demandas específicas de cada grupo e seus usuários, se faz extremamente importante para o alcance de uma melhor adesão.

No que tange os desafios e potencialidades dessas abordagens na perspectiva dos profissionais, foram apontados, enquanto desafios, aspectos como a constante falta de recursos materiais e de espaço, bem como a necessidade de maior fluidez na condução dos grupos em situações inesperadas, de forma que os moderadores consigam lidar bem com as frustrações caso as atividades propostas não ocorram como o planejado. Já em relação às potencialidades, podem ser apontadas as evoluções gradativas e processuais dentro dos grupos com os participantes, uma vez que são perceptíveis mudanças quanto às interações no

decorrer dos encontros e a conseqüente diminuição das queixas trazidas inicialmente.

Quanto às limitações, pode-se pontuar que por se tratar de um estudo desenvolvido ainda durante a graduação, contando com alguns empecilhos envolvendo compatibilidade de horários, houve a ocorrência de ajustes necessários em relação ao tempo de pesquisa e análise de resultados que, caso fossem executados em um período maior, poderiam trazer resultados mais diversificados e aprofundados. Já em relação às potencialidades, destaca-se o fato da pesquisadora já possuir vínculo com o serviço de saúde mental palco da pesquisa por se tratar de seu campo de estágio, diminuindo possíveis interferências na observação participante e condução do grupo focal por não ser um elemento novo no local.

A partir das análises e conteúdos expostos, consegue-se perceber a gama de contribuições trazidas pelas abordagens grupais no cuidado em saúde mental infantojuvenil, bem como a necessidade de ampliação dos estudos tanto sobre a perspectiva dos profissionais com seus desafios e contribuições no processo terapêutico, como também na perspectiva dos próprios usuários em relação às contribuições das abordagens grupais no cuidado em saúde mental e na própria evolução. Apesar dessas limitações, pode-se, através dos achados, trazer visibilidade às abordagens terapêuticas grupais e suas contribuições no cuidado em saúde mental das crianças e adolescentes usuárias do serviço, bem como fomentar a literatura disponível sobre essa temática, se tornando uma experiência diferenciada para a pesquisadora em sua formação profissional.

Nesse sentido, quanto às contribuições das abordagens terapêuticas grupais na produção do cuidado em saúde mental dos usuários do Capsi em questão, nota-se que proporcionam o desenvolvimento de habilidades socioemocionais em função do relacionamento e interação com os pares, bem como a formação de vínculos e redes de apoio entre os usuários, que se apresentam de formas diversas e singulares. Além disso, propiciam um progresso no processo de maior autonomia e protagonismo dos usuários nas atividades que desempenham, o que pode espelhar em aspectos da vida cotidiana. Desse modo, percebe-se que pontos como interação social, assertividade, tolerância à frustrações, estabelecimento de vínculos e autonomia são intensamente trabalhados a partir das abordagens utilizadas nos grupos terapêuticos.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cinthia de; MARTINS, Eliana Melcher; ALARCON, Renata Trigueirinho. Aplicação da Terapia Cognitivo-comportamental em Grupo na Ansiedade. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 11, 2015.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Edições 70, 1977.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. **Reforma Psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil**. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. Brasília: OPAS/Ministério da Saúde, 2005.

BECHELLI, Luiz Paulo de C; SANTOS, Manoel Antônio dos. O TERAPEUTA NA PSICOTERAPIA DE GRUPO. **Rev Latino-am Enfermagem**, 2005.

BELLÉ, Andressa Henke; CAMINHA, Renato Maiato. Grupoterapia cognitivo-comportamental em crianças com TDAH: estudando um modelo clínico. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 01, ed. 02, 2005.

BENEVIDES, Daisyanne Soares; PINTO, Antonio Germane Alves; CAVALCANTE, Cinthia Mendonça; JORGE, Maria Salete Bessa. Cuidado em saúde mental por meio de grupos terapêuticos de um hospital-dia: perspectivas dos trabalhadores de saúde. **Interface: Comunicação, Saúde e Educação**, 2010.

BRUNOZI, Naipy Abreu; SOUZA, Samanta Silva; SAMPAIO, Cíntia Rosa; MAIER, Suellen Rodrigues de Oliveira; SILVA, Lilian Carla Vieira Gimene; SUDRÉ, Graciano Almeida.
Grupo terapêutico em saúde mental:: percepção de usuários na atenção básica. **Rev Gaúcha de Enferm**, 2019.

CEDECA - CENTRO DE DEFESA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. **A política de saúde mental para crianças e adolescentes em Fortaleza**. Fortaleza, Setembro 2022.

COQUEIRO, Neusa Freire; VIEIRA, Francisco Ronaldo Ramos; FREITAS, Marta Maria Costa. Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. **Acta Paul Enferm**, v. 23, 2010.

FARAH, Ana Beatriz Azevedo. Psicoterapia de grupo: reflexões sobre as mudanças no contato entre os membros do grupo durante o processo terapêutico. **Revista IGT na Rede**, Rio de Janeiro, v. 6, ed. 11, 2009.

NASCIMENTO, Iramar Baptistella do; BITENCOURT, Cristiano Rech; FLEIG, Raque. Estratégias para o transtorno do espectro autista: interação social e intervenções terapêuticas. **J Bras Psiquiatria**, 2021.

MENEZES, Etiene Silveira de; KANTORSKI, Luciane Prado; COUTO, Maria Laura de

Oliveira; RAMOS, Camila Irigónhé . Grupo de adolescentes em serviços de saúde mental: uma ferramenta de reabilitação psicossocial. **Vínculo**, São Paulo , v. 17, n. 2, p. 118-140, dez. 2020

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Centro de Atenção Psicossocial - CAPS**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/acao-a-informacao/acoes-e-programas/caps>.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **DADOS DA REDE DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL (RAPS) NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (SUS)**. Brasília – DF, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/acao-a-informacao/acoes-e-programas/caps/raps/arquivos/dados-da-rede-de-atencao-psicossocial-raps.pdf>.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **CATÁLOGO DE SERVIÇOS**: Centro de Atenção Psicossocial - CAPS. Fortaleza, 2023.

REIS, Alice Casanova dos. Arteterapia: a Arte como Instrumento no Trabalho do Psicólogo. **PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO**, 2014.

ROCHA, Ianine Alves da; SÁ, Aralinda Nogueira Pinto de; BRAGA, Lucineide Alves Vieira; FERREIRA FILHA, Maria de Oliveira; DIAS, Maria Djair. TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA: SITUAÇÕES DE SOFRIMENTO EMOCIONAL E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO APRESENTADAS POR USUÁRIOS. **Rev Gaúcha Enferm**, v. 34, 2013.

SILVA, Alekssanderson José Martins da; MELO, Cássia Emanuele Correia de; SOUZA, Emanuel Feliciano Alves de; FERREIRA, Josivete Maria do Nascimento. GRUPOS TERAPÊUTICOS COMO FERRAMENTA DE CUIDADO: ANÁLISE COM USUÁRIOS ACOMETIDOS DE TRANSTORNOS MENTAIS NOS CAPS. *In*: Jornada de Iniciação Científica, 20, Recife. **Anais**. Recife: Centro Universitário da Estácio, 2021, p. 1-10.

SILVA, Leticia do Nascimento da; HUBERT, Caroline Menegon; DRUGG, Angela Maria Schneider. GRUPO TERAPÊUTICO "BRINCANDO NO CAPSI". **Salão do Conhecimento**: XVI Jornada de Extensão, 2015.

SOUSA, Djanira Luiza Martins de. **ABORDAGENS TERAPÊUTICAS GRUPAIS E A PRODUÇÃO DO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL NO CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL (CAPS) DE FORTALEZA-CE**. 2008. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Concentração Políticas e Serviços de Saúde, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Faculdade Ari de Sá
Gerada automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L864c Lopes, Luzia Karen da Costa.

Contribuições das abordagens terapêuticas grupais na produção do cuidado em saúde mental infantojuvenil em um CAPSi / Luzia Karen da Costa Lopes. – 2024.

21 f.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Ari de Sá, Curso de Psicologia, Fortaleza, 2024.

Orientação: Prof. Me. Karine Lima Verde Pessoa.

1. Grupos Terapêuticos. 2. Saúde Mental. 3. CAPS. 4. Infância. I. Título.

CDD 150
